

## ENTREVISTA COM DR. JACQUES LEENHARDT<sup>1</sup>

*Elaboração da entrevista (membros da equipe de curadoria do Acervo Sandra Jatahy Pesavento): Dra. Nádia Maria Weber Santos, Dra. Hilda Jaqueline de Fraga e Dda. Luciana Rodrigues Gransotto.*

*Realização e transcrição da entrevista: Luciana Rodrigues Gransotto.*

*Local e data da entrevista: Paris, 03 de junho de 2020.*

**Luciana: As parcerias da historiadora Sandra J. Pesavento, através da interlocução com intelectuais franceses, sobretudo com o senhor, foram marcantes para a trajetória da historiadora. Considerando este período, quais aspectos o senhor acredita serem relevantes nas produções historiográficas da pesquisadora?**

**Jacques:** Acho pertinente primeiro voltar à cronologia: Nós nos encontramos, Sandra Pesavento e eu, no ano 1988. Eu estava dando um seminário na PUCRS, em Porto Alegre, sobre a questão da leitura. O trabalho que apresentei na PUC baseava-se sobre o meu livro *Lire la lecture* (1982). Tratava-se da questão da diversidade dos olhares sobre um mesmo documento, caso habitual no processo permanente de re-escritura da história. A minha pesquisa tinha como objeto um documento literário, uma novela. Mesmo sendo uma estrutura fechada, o texto literário, quando circula na sociedade sob o olhar de vários leitores, que já escapará à formatação do ensino escolar, dá lugar a interpretações distintas. Era o resultado de uma pesquisa empírica implicando mais de 600 leitores, o qual confirmava uma tese dupla: tanto a leitura do texto literário quanto a atividade de construção historiográfica dependem de dois tipos de circunstâncias. De um lado, a objetividade textual (ou factual) mas também, de outro, dependem do sujeito que interroga esses documentos e da idiosincrasia dele.

Isso, talvez, tenha sido o gancho a partir do qual nossa colaboração se desenvolveu já que abriu um campo de preocupações comuns sobre a questão da hermenêutica. Esse encontro ocorreu num momento da evolução

---

<sup>1</sup> Diretor de estudos e pesquisador da EHESS de Paris, para o dossiê “Sandra Jatahy Pesavento: acervo, memórias e trajetórias de pesquisa”, a ser publicado na Revista do IHGRGS, em 2020/2, em comemoração ao centenário da Instituição.

da disciplina histórica favorável a uma autorreflexão sobre si mesmo. No foco das discussões estava a questão de saber como era possível que as nossas disciplinas dessem mais espaço para a compreensão histórica sobre as *representações* que os atores fazem sobre o que experienciam. Em outras palavras, se tratava de achar uma metodologia onde as *representações* mediam a relação entre o pensamento e os fatos, entre o ato e as estruturas. Tal metodologia possibilita dar, necessariamente, uma certa autonomia (sem dúvida frágil, local e sempre provisória) aos processos de construção do sentido pelos atores, o que abre um campo de discursos e de objetos pouco estudados até então.

É bom lembrar que, nos anos setenta, os estudos literários não se preocupavam nem um pouco com a questão do leitor. Existia uma leitura quase oficial, produzida pela instituição acadêmica e ponto. A possibilidade de existir uma significação singular da literatura a partir da *prática* dos leitores comuns, essa hipótese não entrava no campo das questões consideradas pertinentes. Era a questão fundamental do meu trabalho no campo literário. Quando interrogamos a instituição literária pensando através da perspectiva do leitor comum, e não só dos leitores legítimos que são os críticos e os professores de literatura, abrimos um campo novo para a investigação e isso interessa o historiador.

Vale lembrar aqui os trabalhos de Michel de Certeau, publicados sob o título *L'invention du quotidien, arts de faire* (1980), onde ele também sublinha a criatividade do cidadão comum. Essa atenção às margens do sistema literário revelava uma fábrica do sentido diferente, nas suas origens e nos seus funcionamentos, em relação ao que se esperava. Existiam, pois, tensões e contradições entre o horizonte das *representações* legítimas e aquele que se produzia espontaneamente no âmbito da leitura. A conclusão era óbvia: existem várias leituras, dependendo do lugar de onde se produz a leitura, e elas são outras narrativas que se produzem sobre e a partir do texto literário. Esse espaço de tensões havia sido tematizado nos anos 80 no campo dos estudos literários e estava, no momento do nosso encontro, no centro das preocupações dos historiadores. No campo das ciências sociais, a frase de Ricœur exprime perfeitamente o que se tornou quase um consenso: “Contra a ilusão metodológica conforme à qual o fato histórico existiria num estado latente nos documentos (...) é preciso afirmar que, na história, a iniciativa não vem dos documentos senão da questão colocada pelo historiador”<sup>2</sup>. Só que a ideia de o discurso histórico ser, como pretende

---

2 Paul Ricœur, *Temps et récit I*, 1983, p. 142

“Contre l'illusion méthodologique selon laquelle le fait historique existerait à l'état latent dans les documents (...) il faut affirmer que l'initiative en histoire n'appartient pas aux documents

a tese “narrativista” formulada em particular por Hayden White uma narrativa, uma simples espécie fazendo parte do gênero “story”, levantava uma resistência muito forte do lado dos historiadores, olhando sempre para o horizonte da verdade histórica. Mas cuidado! Enquanto historiadora, Sandra Pesavento nunca abandona, nem as exigências documentais, nem os conhecimentos e os aportes das metodologias fundadas sobre a análise das estruturas e das funções. Para ela, tratava-se de entender melhor como as estruturas se transformam e qual é o papel das representações nesse processo de transformação, pois se elas se mantivessem na sua rigidez teórica, nunca se entenderia como elas se transformam. Existem, pois, vários tempos das estruturas. O seu ápice é onde tudo parece imóvel na sua eternidade estrutural. Nesse momento, os modelos explicativos estruturalista e funcionalista trabalham de maneira quase perfeita. Mas vem o tempo dos mal funcionamentos. Transformações locais ocorrem e depois se estendem, fazendo com que, finalmente, ficasse evidente que o modelo estrutural entrava em crise, tomado pelo seu próprio declínio. Os marxistas heterodoxos como Georg Lukács e Lucien Goldmann – que foi o meu mestre no final dos anos 60 – foram aqueles teóricos que orientaram o olhar para esses processos e para as modificações dos estados de consciência dos atores sociais. Atentos aos efeitos simbólicos das contradições do sistema capitalista, seja ele mercantil ou industrial, agrário ou financeiro, orientavam a pesquisa sobre os ajustes, os desesperos, as reflexões que modificam as formas da consciência social, abrindo novos horizontes e fechando outros. O movimento social da espontaneidade deu lugar a essas modificações, criando atores que vão participar das novas orientações. Isso implica que uma certa autonomia seja outorgada ao campo da consciência, ao campo político e ao imaginário na gestão das contradições do sistema pelos atores. Implica também que o ser social só pertence parcialmente ou de maneira descontínua ao campo de consciência dominante ou hegemônica. Essa *fractalidade* do tempo da consciência aparece como uma possibilidade de desvio e origem das transformações. Ainda era preciso que o pesquisador estivesse atento a essas modificações, nem sempre óbvias.

Em vista de um aprofundamento dessas questões, foi organizado uma sessão do 46º Congresso Internacional dos Americanistas em Estocolmo (junho de 1994). Depois Sandra e eu publicamos um volume de ensaios sobre o tema: *Discurso histórico e narrativa literária*.<sup>3</sup> A abordagem “narrativista” da ficção já tinha uma aproximação com a história, destacando muitas seme-

---

mais à la question posée par l'historien.”

3 *Discurso histórico e narrativa literária*, Jacques Leenhardt e Sandra Jatahy Pesavento (orgs), Editora da UNICAMP, Campinas, 1998.

lhanças entre os dois campos e superando o enfoque sobre o texto literário como uma estrutura fechada, produzindo um sentido único. Mas, como escrevemos na *Introdução* desse referido livro, “uma contextualização do discurso literário vinha sendo amplamente usada, mas sem que a aproximação partisse de um mesmo patamar conceitual. Em outras palavras, que encarasse as narrativas literárias e históricas como *representações* do real.”<sup>4</sup> Com referência à essa temática, nos parecia, à Sandra e a mim, que o trabalho de Ricœur constituía uma abordagem da questão da narratividade muito instigante para a reformulação das exigências epistemológicas no campo da história. Ricœur havia sido o meu professor de filosofia durante a minha formação na Sorbonne e, assim, Sandra propôs organizarmos um seminário no Programa de Pós-graduação em História dedicado à obra do filósofo, o que aconteceu em 1998<sup>5</sup>. O que nos parecia muito esclarecedor no livro seminal de Ricœur: *Tempo e narrativa* (1983-1985) era a centralidade que ele deu à noção de “compreensão narrativa”. A construção do sentido para o ator passa pela mediação da linguagem, pela formação de um narrado que constrói usando diversos recursos semióticos do discurso. Toda ação está retomada num discurso que estabelece o seu sentido nas categorias da linguagem. Correlativamente, a leitura fornece um paradigma central ao insistir sobre a importância da mediação textual na construção dos atores e das ações no processo histórico-social. Assim, na concepção de Ricœur, o paradigma da leitura vem como uma solução do paradoxo clássico das ciências humanas, o famoso “círculo hermenêutico” entre compreensão e explicação, formulado por W. Dilthey, e à oposição entre a *doxa* e a *ilusão*, na teoria de Bourdieu. Isso implica, por parte do filósofo, uma certa confiança no fato de o processo de leitura ser, ao mesmo momento, esclarecimento dos textos (documentos) e construção do sujeito leitor.

Pois bem, este conjunto problemático representa um momento chave da evolução da problemática na obra historiográfica de Sandra. Os seus primeiros trabalhos foram desenvolvidos dentro de uma concepção de cunho mais fortemente econômico. Com a crise do *causalismo*, por promover uma confiança excessiva no poder explicativo dos documentos e deixar fora o sentido da ação tal como vivido pelos próprios atores, Sandra estava buscando uma maneira de aproximar-se das *representações* dos atores. Nesse caminho, o texto literário revelava-se uma fonte de primeira importância. Diz ela: “Ora, o discurso literário dá uma nova existência à coisa narrada. Se é o olhar que qualifica o mundo, a narrativa literária ordena o real e lhe

---

4 *Discurso histórico e narrativa literária*, op. cit, p.11.

5 “*Tempo e narrativa: uma leitura de Paul Ricœur*”. UFRGS, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, outubro 1998.

confere um valor, exercendo uma espécie de “pedagogia da imaginação”. A retórica, o estilo, os registros de linguagem que selecionam palavras e fazem uso de metáforas são responsáveis pela formação do museu imaginário de cada um.”<sup>6</sup>

Foi como parte dessa reflexão que novos objetos entraram no seu campo de visão, em particular a cidade. Trabalhando as representações literárias, Sandra encontrou a possibilidade de aprofundar os aspectos propriamente formais do discurso sobre a cidade e o poder de significação da forma literária. A cidade é um espaço onde se imprimem as dinâmicas demográficas, econômicas e sociais, mas que, ao mesmo tempo, é fonte de experiências sensíveis dos cidadãos, dos passeantes, dos observadores caminhando nas ruas e nos becos. O cidadão é, ao mesmo tempo, pai, trabalhador ou passeante, rico ou pobre, do lugar ou forasteiro e cada um dos aspectos da sua existência constrói a cidade de um modo distinto. Essas experiências tanto como os textos que as formalizam “não são da mesma natureza, mas fazem parte, ambos, do que chamamos referencial de contingência, que é socialmente construído e, como tal, histórico. Mais do que isso, entendemos que o discurso urbanístico, o texto literário, os artigos de jornais, e outros tantos registros de linguagem são todas representações que falam do real e, no caso, recriam a cidade.”<sup>7</sup> E é essa diversidade que interessa a historiadora na medida em que abre caminho para uma visão mais complexa da realidade urbana.

Muitas vezes, discutindo no meu seminário de Paris sobre a paisagem urbana, nos referíamos à maneira como os *situacionistas*, e entre eles o poeta e crítico Guy Debord, influenciados por Walter Benjamin e Aragon, valorizavam a experiência do choque entre diversos lugares e diversas populações na cidade. Eles haviam criado uma maneira de metodologia da caminhada urbana que fazia ressaltar os contrastes, às vezes vertiginosos, aos quais quem anda nas ruas está exposto. O projeto de Sandra na sua pesquisa sobre *Uma outra cidade*<sup>8</sup> trabalha com essa matéria da heterogeneidade social no contexto urbano. Lugares como os becos, com a sua sociabilidade marginal, mulheres forçadas a prostituir-se e exploradas por “gente de bem”, populações de emigrantes, abandonando o campo para empilhar-se sem moradia na cidade: tantas vidas que a imprensa e a literatura retratam e às quais dão existência nos diferentes códigos do jornalismo ou do romance.

---

6 Sandra Jatahy Pesavento, *O imaginário da cidade, Visões literárias do urbano, Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*, Porto Alegre, Editora da Universidade, UFRGS, 1999, p. 14

7 idem p. 391.

8 Sandra Jatahy Pesavento, *Uma outra cidade, O Mundo dos Excluídos no final do Século XIX*, São Paulo, Companhia editora nacional, 2001.

Às vezes, o historiador encontra na imprensa reportagens, ou mesmo fotos, onde estão cristalizadas experiências e memórias singulares da cidade que até então não tinham lugar no discurso histórico. São fotografias de pessoas ou da paisagem, urbana ou rural, que ficam muitas vezes na zona fronteira entre o espaço público e privado. Lembro, a propósito, de uma pesquisa que Sandra estava desenvolvendo com os seus estudantes da UFRGS, a partir de documentos fotográficos que cheguei a compartilhar. Emergia nas imagens, um mundo de convenções sociais, estilos de comportar-se e de vestir-se na virada do século XIX para o XX. Lembrando destas trocas todas, acho que houve, nesse momento, uma ruptura profunda no trabalho da Sandra: foi uma tentativa de enriquecer a tradição historiográfica da qual ela vinha, a partir de novos objetos, abrindo novos horizontes. É esse movimento do pensamento que nos aproximou e que foi a origem do grupo Clíope, que a gente criou com um amplo grupo de pesquisadores um pouco mais tarde, em 1994.

**Luciana - Partindo destas considerações, como o senhor avalia os resultados destas parcerias estrangeiras com Sandra J. Pesavento para o campo da história do Brasil, tanto aquela narrada/discutida em espaço estrangeiro como no próprio Brasil?**

**Jacques:** As parcerias da Sandra com as historiadoras e os historiadores franceses foram numerosas e diversas. É importante distinguir aqui a dimensão de gênero, pois durante esses anos foram as do desenvolvimento poderoso da visão feminina na historiografia. Deste ponto de vista, Sandra estabeleceu relações privilegiadas com algumas das historiadoras francesas, como Michelle Perrot, Arlette Farge e Frédérique Langue. A questão do gênero, nessa geração, não tinha nada de exclusivo senão que afirmava um interesse novo para questões ligadas ao papel das mulheres nas transformações sociais, que até então havia frequentemente ficado fora do enfoque. Nisso se pode perceber a influência a longo prazo da atenção que Michel Foucault dedicava aos marginais da história. Essa reorientação do olhar era, na época, como o sintoma da necessidade de pensar além das grandes estruturas há séculos estabelecidas no discurso histórico. Os pormenores, as margens, as microestruturas apareciam de repente como sintomas da complexidade dos processos históricos que foram, senão propriamente *redescobertas*, pelo menos radicalmente levadas em conta. Nesse marco, as mulheres ocupavam um lugar particularmente importante. Esteja ou não relacionado a essa nova preocupação, um novo campo com novos objetos apareceu nesses anos: as emoções, as sensibilidades. Essa parte fundamen-

tal do comportamento humano escapava muitas vezes ao olhar histórico por frequentemente não deixar rastros e documentos de tipo tradicional. Muitas vezes, no entanto, permaneciam na memória pessoal, subjetiva e sensível dos atores. Também existiam narrados nos jornais íntimos, fotos perdidas nas gavetas podiam de repente testemunhar tradições orais que haviam sido transmitidas de geração em geração nas famílias. Todo esse material se transformava de repente em novas fontes, e finalmente, uma nova historiografia se encontrava nutrida por documentos inéditos disponíveis para uma história sensível.

Vale lembrar que Sandra participou em 2006, junto a Frédérique Langué, ao colóquio *L'Histoire des sensibilités. Non-dit, mal dire ou envers de l'histoire*<sup>9</sup>, onde esses novos aspectos da historiografia foram discutidos. A propósito dessas novas orientações, Sandra sempre lembrava de que maneira, na cultura grega, *Mnemosunè*, a deusa da Memória, se mantinha afastada das pretensões à verdade de Clio, a Deusa da História, por estar menos 'amarada' à verdade do passado do que à capacidade muito útil para os homens de saber distinguir entre o que tem que ser lembrado e o que tem que ser esquecido.

Também me parece importante as trocas que Sandra teve com Arlette Farge, do CNRS, uma historiadora com uma sensibilidade particular para o documento de arquivo, a sua natureza de rastro e a sua fragilidade também. Nem sempre o documento fala por si mesmo: tem, portanto, uma maneira sutil de aproximar-se dele o qual condiciona a sua capacidade a se tornar revelador dos segredos do passado. Acho que esse encontro foi particularmente produtivo para o trabalho que Sandra desenvolveu sobre a população dos cárceres. A metodologia já experimentada por Foucault na *Arqueologia do saber* (1971) e a maneira como Farge busca o elemento pertinente por detrás da desordem aparente dos discursos e da fragmentação dos documentos deixados pela Justiça, tudo isso me parece ter nutrido bastante um trabalho da Sandra, *Visões do Cárcere* (Zouc, 2009). Sandra também manteve vários contatos na EHESS, além da sua presença frequente no meu seminário. Mantinha uma interlocução com Roger Chartier e com Serge Grusinski. Com Gruzinski, junto à Juan Carlos Garavaglia e Anne-Marie Thiesse houve, em 2006, um projeto (que não chegou a se realizar) de um workshop sobre *As fronteiras do Brasil* com participação de pesquisadores de vários países que dividiam fronteiras com Brasil. O tema já havia sido tratado num encontro dedicado à obra literária de Ciro Martins, onde

---

9 Frédérique Langué, « L'histoire des sensibilités. Non-dit, mal dire ou envers de l'histoire? Regards croisés France - Amérique latine », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos Coloquios*, 2006, [En línea], URL: <http://nuevomundo.revues.org/2031>

se enfatizou as questões das fronteiras com o Rio de la Plata.<sup>10</sup>

**Luciana – Falando a respeito do grupo Clíope, pensando na importância das aproximações teóricas e nos diálogos entre os dois campos do conhecimento – a Literatura e a História - quais as principais produções científicas em que Pesavento esteve envolvida e quais referenciais teóricos do Brasil foram relevantes para os diálogos do grupo?**

**Jacques** - Bem, o resultado de toda essa emoção epistemológica da época, foi, para nós, a criação desse grupo para que as trocas fossem, além de interrogações individuais, um espaço normativo de trocas que levassem a um trabalho coletivo. Então o grupo Clíope foi criado na ocasião do 48º Congresso dos Americanistas, em Estocolmo, onde havíamos organizado com Sandra um Simpósio sobre o tema: “O discurso histórico e a narrativa literária na América Latina”. Clíope existiu em duas fases, como você sabe. Na primeira, nosso grupo era relativamente amplo, entre 20 e 25 pesquisadores. Eram pessoas que compartilhavam questionamentos metodológicos e um interesse forte para as diversas formas de literatura. Ela deu lugar a três pesquisas sobre Érico Veríssimo<sup>11</sup>, Sérgio Buarque de Holanda<sup>12</sup> e Gilberto Freyre<sup>13</sup> enquanto “redescobridores do Brasil”, tema geral do nosso trabalho. Publicamos também um volume sobre *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos<sup>14</sup>. Com o tempo, no entanto, nos demos conta de que o grupo era disperso demais para oferecer uma coerência teórica forte. A nossa colaboração ficava, de uma certa maneira, “à la carte” e não permitia uma troca intelectual exigente como esperávamos. Por essa razão, uns três anos depois, em 2001, em Roma, decidimos Sandra, Chiara Vangelista, Roberto Vecchi, Ettore Finazzi Agrò e eu, de criar um subgrupo dentro do grupo Clíope. Logo, houve uma divisão em mais ou menos quatro grupos, só que apenas um, o nosso, sobreviveu. Para darmos mais coerência ao nosso trabalho comum, a nova regra era que todos tomassem o mesmo objeto, que não fosse o objeto de estudos de nenhum dos participantes, senão mais ou menos

10 Maria Helena Martins, (org), *Fronteiras Culturais - Brasil - Uruguai - Argentina*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

11 *Érico Veríssimo. O romance da História*, Sandra Jatahy Pesavento, Jacques Leenhardt, Lígia Chiappini e Flávio Aguiar (orgs), São Paulo, Nova Alexandria, 2001.

12 *Um historiador nas fronteiras: O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*, Sandra J. Pesavento (org), Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

13 *Reinventar o Brasil. Gilberto Freyre entre história e ficção*, Antonio Dimas, Jacques Leenhardt e Sandra Jatahy Pesavento, (orgs), Porto Alegre, Editora da UFRGS/Editora da USP, 2006.

14 *Pelas Margens. Outros caminhos da história e da literatura*, Edgar Salvadori de Decca e Ria Lemaire (orgs), Porto Alegre/São Paulo, Editora da Universidade/Editora Unicamp, 2000.

alheio e novo a todos, o que criaria uma igualdade entre nós e melhoraria a qualidade das discussões. Cada um de nós, equipado com a sua experiência, com o seu saber disciplinar e a sua metodologia, se aproximava desse objeto comum para revelar a faceta dele que lhe parecia pertinente. O ritmo previsto era de dois anos durante os quais havia encontros, apresentações de “papers” e, finalmente, após discussões, a publicação de um livro coletivo. Jean-Baptiste Debret foi o último projeto ao qual Sandra participou até a publicação<sup>15</sup>. Com o tema da *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, Debret fazia parte do nosso tema dos descobridores do Brasil, mas além disso, abria novas questões metodológicas como aquela da imagem. Essa nova experiência teve continuidade mais tarde com a reorganização do grupo Clíope após a morte de Sandra e a escolha da figura de Hercule Florence.

O último objeto de pesquisa escolhido com Sandra foi a obra celebríssima de Jorge Amado: *Gabriela*. Nos reunimos uma vez antes do falecimento de Sandra, trocando as nossas leituras, mas esse último projeto ficou inconcluso e nada se publicou. A morte da Sandra desorganizou o grupo, que tentou sobreviver com novos colegas, Antônio Dimas, que havia participado à pesquisa sobre Freyre, Mônica Velloso e Antônio Herculano, da Casa de Ruy Barbosa (Rio de Janeiro). Hoje, na sua última forma, o grupo Clíope envolve Chiara Vangelista, Maria de Fatima Costa, Antônio Herculano e Jacques Leenhardt, que coletivamente trabalham sobre Hercule Florence.

**Luciana: O senhor acredita que podemos vincular o trabalho metodológico do grupo Clíope ao conceito ou à ideia de uma circulação transnacional e/ou transdisciplinar?**

**Jacques:** Sim. A transdisciplinaridade vem hoje como um dos resultados da tomada de consciência da unicidade da terra, (fenômeno ecológico), por consequência das culturas e sociedades que a ocupam (fenômeno sócio-político) e, finalmente, da complexidade dos fenômenos que dela decorre (fenômeno epistemológico).<sup>16</sup> Todo objeto, nas ciências humanas, desafia os limites de cada disciplina particular. Esse alargamento disciplinar reflete também a nova consciência de que os horizontes de espera e a organização do sentido nas diversas disciplinas variam conforme o lugar geográfico, social e político onde o sentido está produzido. A mundialização tem imposto

---

15 *A construção francesa do Brasil*, Jacques Leenhardt, (org), São Paulo, Alderado & Rothschild, Editora Hucitec, 2008

16 Jacques Leenhardt, “ Globalização e transdisciplinaridade: a segunda revolução identitária”, in *Fronteiras do Milênio* Sandra Jatahy Pesavento (org.), Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

a questão de onde se pergunta e, portanto, de uma nova geografia das tensões e contradições do pensamento.

**Luciana – Aproveitando, sobre a questão dos desafios intelectuais contemporâneos, a exemplo do grupo Clíope, o que o senhor pensa a respeito do fortalecimento das redes, considerando a atual crise sanitária global? Como o processo de manutenção das sociabilidades do conhecimento vai ser continuado se os encontros presenciais forem consideravelmente reduzidos daqui para frente?**

Neste período de confinamento, surge a ilusão de que, através das ferramentas tecnológicas como *Skype* ou *Zoom* podemos continuar a pensar sem que seja mantido o contato direto entre os pesquisadores. Como se existisse uma utopia do saber e que o confronto físico não seja necessário. Não acredito nessa utopia de alta tecnologia! Isso nos levaria um século atrás quando os etnólogos estudavam as tribos exóticas sem deixar o seu gabinete de Paris ou de Londres. Viajar para encontros científicos não significa só encontrar colegas: representa também entrar em contato com a cidade, com a maneira de falar, do confronto com o cotidiano no metrô através dos jornais. Essa descentralização do corpo, mas também da mente está intimamente ligada à possibilidade de compreender o contexto estudado. A sociabilidade intelectual precisa de contato direto porque a presença do outro constitui, em si mesmo, um aspeto essencial da compreensão.

**Luciana - Os focos preferenciais de pesquisa da historiadora, quando ela rumou para a História Cultural, como já foi bem refletido pelo senhor até aqui e como ela mesma indicava, foram a cidade, a literatura, as sensibilidades, mas também a imagem e, uma das últimas reflexões, o estudo das paisagens. O senhor poderia comentar um pouco a respeito dessas duas temáticas, imagem e paisagem, no percurso historiográfico de Pesavento?**

**Jacques** – Poderia dizer que isso é mesmo o efeito da colaboração que Sandra e eu desenvolvemos ao longo dos anos. É preciso dizer que, à parte de sociólogo, também sempre fui crítico de arte. Nos anos 70 comecei a me interessar para o meio ambiente e a paisagem. Isso porque criei um centro de arte, no sul da França, onde artistas trabalhavam fora, ao ar livre e na floresta, de maneira que pouco a pouco também comecei a trabalhar com paisagistas sendo que, nos anos 90, realizei, na Alemanha do Leste, um parque para a cidade de Bitterfeld para a recuperação de uma mina de carvão a céu aberto. Tudo isso me levou a trabalhar também com Roberto Burle

Marx, publiquei um livro sobre ele e a problemática ecológica do paisagismo. Essas atividades todas entraram nas minhas conversas com a Sandra quando ela começou a se interessar pela cidade. Desde o famoso afresco do *Bom governo*, de Lorenzetti (1338), os historiadores sabem que “cidade” e “campo”, “intramuros” e “extramuros”, “artifício” e “natureza” “cidadão” e “estrangeiro” são conceitos que evoluem juntos e seria absurdo tratar de um aspecto descuidando do outro. Do mesmo modo que eu me formei, pouco a pouco e com muitas lacunas, ao pensamento e à história brasileira, Sandra se familiarizou com temáticas ligadas ao paisagismo e às questões do uso da imagem na reflexão histórica. Sobre a questão da imagem, é claro que a leitura de Walter Benjamin exerceu uma influência importante. O pensamento benjaminiano se encontrava, de fato, no cruzamento dos vários interesses de Sandra: cidade, imagem, memória.

Como uma historiadora não se interessaria por quem revelou com tanta força o papel das técnicas na mutação de sentido da imagem nas nossas sociedades? Como ela não se interessaria por quem falava da remanência das imagens, o que Aby Warburg tem chamado de “Nachleben” o “sobreviver” das imagens na memória pessoal e social? Como, na comparação que ela elaborou entre Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre, a obra *Paris capital do século XIX*, de Benjamin, não fosse uma fonte essencial e, além disso, a reflexão quase metodológica sobre as Passagens<sup>17</sup> não tivesse forte inspiração para a historiadora dos becos?

Lembro também como, na época do trabalho coletivo de Clíope sobre Gilberto Freyre, as representações gráficas que o sócio-antropólogo de Recife integrava nas suas demonstrações sobre a casa grande e o patriarcalismo nordestino. Nos interrogávamos sobre como usar desses documentos e Sandra insistia sobre a noção de “paisagem social”, na qual percebia a essência da paisagem: a distância entre o humano e o natural. O desenho, dizia ela, tematiza essa distância, faz com que cada coisa tenha o seu lugar, que não é aquele do outro! Ao mesmo tempo, a noção de “paisagem social” remete à uma certa historicidade da natureza quando trabalhada pelos homens. Como bem havia mostrado Guido Sereni no seu livro sobre a paisagem rural italiana, a paisagem é um conceito sócio-histórico, e isso constituía uma porta de entrada na obra de Freyre.

Esse também foi um ponto de reflexão no nosso trabalho sobre Gilberto Freyre, pois ele usa muito da paisagem como metáfora da situação patriarcal e econômica da sociedade escravista, em particular quando comenta as pinturas de Cícero Dias, a quem ele dedicou o seu livro *Nordeste*. Ele mostra

---

17 Walter Benjamin, *Passagens*, Belo Horizonte, UFMG, 2007.

como a produção açucareira molda a configuração da fazenda e a estrutura da paisagem. Então esse foi um dos pontos muito discutidos.

**Luciana - Para finalizar, uma vez que o senhor frequenta os meios intelectuais de historiadores/as no Brasil e de outras áreas (como da Literatura e das Artes em geral), no que se refere ao reconhecimento/legado de Sandra para outros/as intelectuais, qual seria o seu depoimento?**

**Jacques** - Bom, na verdade, o reconhecimento da Sandra aqui na França, isso não tem muito sentido, porque ela não publicou livros aqui. Se trata fundamentalmente de um reconhecimento entre pesquisadores, dentro do mundo acadêmico, que gostava muito da energia intelectual da Sandra. Esse reconhecimento se vê através das trocas, dos eventos organizados conjuntamente com vários pesquisadores franceses. Então, acho que o reconhecimento da obra da Sandra Pesavento entre os intelectuais e historiadores da França é óbvio, mas não vai muito além do grupo de pessoas que trabalham sobre as questões metodológicas, da História Cultural em particular, ou dos historiadores que trabalham sobre a matéria brasileira. Por outro lado, apreciei a forte influência intelectual de Sandra sobre os jovens historiadores brasileiros e sobre os doutorandos das várias disciplinas que convergem na história cultural.